

# **MULEQUE TÉ DOIDO: EM UMA SEQUÊNCIA DINAMITADORA**

José Neres

(Academia Maranhense de Letras e Sobrames)



Desde o dia 24 de janeiro deste nosso 2019, está em cartaz, nos cinemas de São Luís do Maranhão, e em algumas salas de outras cidades (Belém e Imperatriz), o filme **Moleque té doido – mais doido ainda**, a terceira parte de um projeto chegou ao público em 2014, com a estreia de **Moleque té doido – o filme** e que teve sequência em 2016, com **Moleque té doido – A lenda de Dom Sebastião**, todos com roteiro e direção de Erlanes Duarte.

Mas quem está sentado na poltrona do cinema, divertindo-se com as aventuras do quarteto Erlanes, Nikima, Sorriso e Guida Guevara, talvez nem imagine o longo trajeto percorrido não apenas por essa trupe, mas por toda a cinematografia maranhense até chegar à condição de todos os atores, figurantes e demais envolvidos na produção do filme serem recebidos como verdadeiras estrelas por onde têm passado.

Antes de tecer alguns breves comentários sobre o filme, é importante lembrar que todo sucesso (e mesmo os fracassos) tem seus antecedentes e seus históricos de lutas de sacrifícios.

Produzir um filme não é uma tarefa fácil. Além dos esforços para a captação de recursos e dos entraves burocráticos, os idealizadores ainda precisam lidar com inúmeros outros obstáculos até conseguirem ver o resultado de seus esforços projetados em uma tela de cinema ou TV ou pelo menos reproduzidos na internet.

Em um estado como nosso Maranhão, que, embora seja conhecido como terra de artistas talentosos, também se notabiliza, infelizmente, pelo baixíssimo IDH, pela precariedade de recursos pecuniários e por uma problemática distribuição de renda, essa tarefa parece tornar-se ainda mais árdua.

Mesmo assim, não são poucos os artistas que têm se aventurado pela seara cinematográfica no Maranhão. No começo era um grupo pequeno, formado por pioneiros, como, para citar apenas um exemplo, o professor Murilo Santos. Aos poucos, o número de cineastas (quase todos amadores) foi crescendo até colocar o Maranhão na rota da arte cinematográfica. Hoje, quase no final da segunda década do século XXI, o Estado já conta com certa tradição na produção de filmes de curta-metragem e documentários. Da mesma forma, alguns diretores, atores, roteiristas e produtores começam a despontar como referência não apenas dentro do Estado, mas também em outras unidades da federação e até mesmo em outros países.

Diversos motivos, técnicos, econômicos e até motivacionais, no entanto, fizeram com que a produção de filmes de longa duração não acompanhasse o mesmo ritmo dos curtas. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, alguns cineastas conseguiram projetar seus trabalhos dentro e fora do Estado, é o caso do bastante premiado Frederico Machado (**O Exercício do Caos; O Signo das Tetas; Lamparina da Aurora; As Órbitas da Água; Boi de Lágrimas**), que tem sido constantemente elogiado por seu trabalho autoral e pelo olhar poético/existencial que imprime em suas obras. No campo da comédia de apelo mais popular, possivelmente o primeiro a levar o público maranhense às gargalhadas em uma produção predominantemente local foi Cícero Filho (**Ai, que Vida!; Entre o Amor e a Razão; Flor de Abril**), que em sua primeira produção (o muitas vezes imitado **Ai, que Vida!**), abriu caminho para um gênero cinematográfico em terras maranhenses. Seguindo a linha de filmes de baixo custo, Altamar Lima e Edvan Santos, da cidade de Pio XII, produziram **Jack Chany do Nordeste – O Resgate**, um pastiche de filmes de ação feito de forma simples e bem-humorada, mas centrada em cópias não oficiais e divulgação na internet.

Porém, desde 2014, o filme que a princípio foi visto com desconfiança, mas que rapidamente caiu no gosto do povo foi **Muleque té Doido**, que agora, como foi dito antes, chega a seu terceiro momento, cercado de expectativas e já com um respeitável número de fãs. As salas de cinema lotadas, ingressos esgotados para algumas sessões, a euforia da plateia durante as exhibições são indicadores de que o projeto deu certo e de que o filme já é um marco na história do cinema maranhense.

Fui ver o trabalho.



Figura 1 Ação dos atores durante a estreia do filme

Sem dúvida alguma, a produção técnica deste filme supera em muito a dos dois anteriores, os efeitos especiais estão mais elaborados e as cenas menos repetitivas. Outro ponto positivo é o fato de a duração ser apenas de pouco mais de uma hora e meia (os primeiros têm cerca de duas horas, com alguns trechos desnecessários e/ou redundantes). As cenas iniciais, tomadas em uma perspectiva panorâmica, são um verdadeiro cartão de visita tanto para os maranhenses, quanto para quem ainda não conhece o Estado e sua capital. Esse interesse em divulgar os pontos históricos e turísticos torna-se bastante evidente na movimentação das personagens, que acabam seguindo um roteiro de visitação por locais estratégicos tanto para a narração quanto para a montagem da fotografia, de bom gosto, por sinal.

Como as falas e ações do quarteto principal já são esperadas por quem vem acompanhando a trajetória da franquia, neste filme, o diretor deslucou um pouco das ações para personagens tidas como secundárias, mas que foram exploradas de forma mais coerente, sem perder de vista o tom de humor. Exemplo disso é a participação da Louca do Rio Anil e da Manguda, que deixaram de ter apenas uma sequência de aparições fortuitas, para fazerem parte do enredo, com influência no desenvolvimento da narrativa central. O regueiro Bob (vivido pelo bom ator Fábio Lima) ganhou mais destaque, mas o “vilão” Zé Mucura e sua heterogênea Gang da Bota Preta ficaram em um plano secundário neste novo filme, embora ainda apareçam em diversas cenas.



Figura 2 Erlanes, Guida Guevara, Sorriso e Nikima - imagem da Internet

Como atuação das personagens centrais (Erlanes, Guida Guevara, Nikima e Sorriso) não pode – e nem deve – sair de um padrão já estabelecidos pelos filmes anteriores e que mesclam estereótipo com estilo de vida tipificados, o diretor optou por dividir a relevância de algumas cenas com outros atores, e o efeito foi muito bom, levando o público às gargalhadas como no caso de sequência com os indígenas, na qual as tiradas verbais

casam perfeitamente com as imagens, com destaque para a cena das mangas (que já foi explorada anteriormente, mas que ganhou mais força cênica) e para a da doação feita pelo chefe (muito bem representado pelo veterano ator Feliciano Popô, já imortalizado como Zé Leitão do **Ai, que Vida!**) a Sorriso. Cena de impagável junção entre humor e escatologia.

Outro momento antológico foi o da referência ao filme **Brinquedo Assassino**. Em poucos segundos, a tensão e o riso se misturam de modo brilhante. O ator que vive o Maiobinha também mereceu um destaque especial, principalmente ao se camuflar com uma das esculturas das mulatas na famosa janela do Centro Histórico. Em questão de segundos, ele consegue destacar uma personagem que nem sempre era bem explorada. Destaque também para os atores da Companhia Okazajo (Evaldo Lima, Whalassy Oliveira e Rogério Benício), que protagonizaram uma excelente sequência de ações e de falas digna de muitos aplausos.

Em termos de profundidade técnica, a atuação de Márcio Amaral (com Ádilla) é irretocável. Embora o papel a princípio não ofereça muitas dificuldades para um ator experiente, em alguns momentos todas as atenções são voltadas para essa personagem fulcral, exigindo uma tonalidade de voz e uma consciência corporal para fazer o contraste com o humor desbragado das demais personagens sem cair na pieguice.

Enfim, **Muleque té doido – mais doido ainda** corresponde às expectativas de um filme com limitações de recursos técnicos e financeiros, mas que conta com os esforços e o trabalho árduo de seus realizadores, atores e pessoal de apoio. Interessante notar que há um esforço de expandir horizontes, mas sem deixar de lado as raízes, com o interesse constante de mostrar a cultura, as brincadeiras, o linguajar, as lendas e a história de um povo que começa a se reconhecer nas grandes telas do cinema.

Todos os produtores, atores, figurantes e demais membros da equipe estão de parabéns. Quem assiste aos três filmes percebe que houve um esforço em corrigir as falhas perceptíveis e de transformar os percalços em vitória e aprendizagem.

Vale a pena conferir o filme. Mesmo a pessoa mais casmurra, em algum momento da projeção, irá esquecer o mal humor e soltar uma boa gargalhada. Resta agora esperar o próximo.